

Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 3)

Serra do Pilar, 19 abril 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia!

R. E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia !

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (6,61/70)

Jesus reparou que muitos discípulos murmuravam por causa das palavras que dissera - *o meu corpo é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida* - e dirigiu-se a eles: *Ofendestes-vos com as minhas palavras? Que não direis então se o Filho do Homem voltar ao lugar donde veio! O que dá a Vida é o Espírito de Deus; sem ele, o Homem nada consegue! As palavras que eu vos disse são Espírito e Vida. Mas alguns de vós ainda não acreditam.* De facto, Jesus sabia muito bem, desde o princípio, quais eram os que não acreditavam nas suas palavras e sabia também quem era o que havia de atraí-lo. E então acrescentou: *Por isso mesmo é que eu vos dizia que ninguém pode vir a mim se o Pai o não trouxer.*

Desde então, muitos dos que seguiam Jesus abandonaram-no e deixaram de andar com ele. Então Jesus perguntou aos Doze: *Também me quereis abandonar?* Foi Simão Pedro quem respondeu: *E quem haveríamos nós de seguir, Senhor? Só tu tens palavras de vida eterna! Nós acreditamos e sabemos que és o Messias, o Enviado de Deus!* Jesus disse-lhes: *Acaso não sois vós os Doze que eu escolhi? Mas um de vós é um demónio!* Jesus referia-se a Judas, filho de Simão Iscariotes. De facto, Judas, que haveria de o atrair, era um dos Doze.

Salmo 148 - Louvai a Deus, céus e terra

**Laudate, omnes gentes,
laudate Dominum!**

Louvai ao Senhor no alto dos céus,
louvai-o na vastidão do firmamento.
Louvai-o, todos os seus anjos,
louvai-o, todos os seus mundos!

Louvai-o, sol e lua,
louvai-o, todos os astros luminosos.

Louvai-o, céus dos céus
e águas que estão acima dos céus!

Louvem todos o nome do Senhor,
porque às suas ordens todos foram criados.
Ele tudo fixou para sempre,
a todos deu uma lei que jamais passará!

Da terra, louvai o Senhor,
monstros marinhos e todos os abismos;
fogo e granizo, neve e neblina,
vento de tempestade que realiza a sua palavra;

montanhas e colinas,
árvores de fruto e todos os cedros;
feras e animais domésticos,
répteis e pássaros que voam;

reis e povos do mundo, príncipes e todos os juizes da terra,
jovens e donzelas, velhos e crianças,
louvem todos o nome do Senhor
porque o seu nome é sublime.

A sua majestade está acima do céu e da terra
e exaltou a força do seu povo.
Louvem-no todos os seus fiéis,
os filhos de Israel, seu povo eleito.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Sua vontade seja feita sobre a Terra,
sobre a Terra como no Céu!

O caminho para a fé nova em Cristo ressuscitado

O que terá acontecido para que os discípulos tenham podido chegar a acreditar numa coisa tão maravilhosa acerca de Jesus? O que é que provocara uma reviravolta tão radical naqueles discípulos que, pouco antes, tinham fugido, dando por perdida a sua causa? O que é que estavam a viver agora, após a sua morte? Será possível fazer uma abordagem à experiência primigénia, aquela que desencadeou esse seu entusiasmo por Cristo ressuscitado?

Os relatos chegados até nós não permitem determinar de maneira segura e definitiva os factos que se operaram depois da morte de Jesus. Não é possível, pelos métodos históricos, penetrar no conteúdo da sua experiência. Contudo, é claro que a fé daqueles seguidores não se apoia num vazio. Algo se passara com eles. Todas as fontes o afirmam: foram objeto de um processo que não só

lhes reabilitara a fé que tinham em Jesus, mas que os abria a uma experiência nova e inesperada da sua presença entre eles.

Era um processo rico e complexo, para o qual concorreram diversos factores, não apenas um. Os seguidores de Jesus refletiram sobre o que tinha acontecido, recorreram à sua fé na fidelidade de Deus e no seu poder sobre a morte, recordaram o que tinham vivido ao pé de Jesus com tanta intensidade. Nesse processo, confluíram perguntas, reflexões, acontecimentos inesperados, vivências de fé especialmente intensas. E tudo isso contribuiu para despertar neles uma fé nova em Jesus, apesar de a experiência que viviam relativa à sua presença viva depois da morte não ter sido fruto exclusivo da sua reflexão. Era a Deus que eles a atribuíam. Só ele lhes podia estar a revelar uma coisa tão grande e inesperada. Sem a sua ação, ter-se-iam perdido no aglomerado de perguntas e cogitações e não teriam chegado a conclusão nenhuma, segura e jubilosa, acerca do destino de Jesus. Que se poderá dizer deste processo?

Os discípulos de Jesus, como quase todos os judeus do seu tempo, esperavam para o fim dos tempos a "ressurreição dos justos". Sem este pano de fundo (background) da esperança, dificilmente poderiam ter dito seja o que fosse acerca da ressurreição. Não era uma convicção judia arraigada ao longo dos séculos, mas uma fé bastante recente, que ainda se expressava em linguagens diferentes. O problema tinha-se colocado de maneira muito aguda quando, nos anos 168-164 a. C., um número incontável de judeus foi martirizado por Antíoco Epifânio, pois se mantinham fiéis à Lei. Poderia Deus abandonar definitivamente à morte aqueles que o tinham amado até ao extremo de darem a sua vida por ele? Não devolveria ele à vida aqueles que a tinham sacrificado por fidelidade a ele? Foram estas as perguntas que fizeram também os seguidores de Jesus diante da sua morte. O profeta Daniel tinha respondido de uma maneira absolutamente nova à questão: no fim dos tempos, os que tinham sido fiéis a Deus, salvar-se-iam. "Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia, para a reprobção eterna. Os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a luminosidade do firmamento e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas com um esplendor eterno". Os mártires fiéis a Deus e os sensatos que tivessem guiado a muitos pelos caminhos da justiça despertariam, portanto, do sono da morte. Não passando eles de pó, Deus fá-los-ia brilhar como as estrelas.

Sem dúvida, os discípulos de Jesus partilhavam desta fé. Já nessa época ela era muito aceite, sobretudo entre os escritores apocalípticos, embora fossem os grupos fariseus quem mais a divulgava entre o Povo. Só os saduceus a rejeitavam por ser uma "novidade" não testemunhada nas tradições mais antigas. Provavelmente, como outros judeus piedosos, também eles recitavam todos os dias, ao nascer e ao pôr-do-sol, esta bênção: "Bendito sois, Senhor, que fazeis viver os mortos". Essa esperança ajudava, naturalmente, os discípulos a

fazerem uma interpretação mais correta daquilo que estavam a viver. Se contemplavam a Jesus vivo, não teria já chegado a ressurreição final? Não estaria Jesus a viver já plenamente essa salvação de Deus?

E, no entanto, a ressurreição antecipada de uma pessoa antes da chegada do fim dos tempos não deixava de ser uma coisa insólita. Era natural que a "ressurreição dos justos" fosse para todos. Os discípulos não deixariam de ter ouvido falar alguma vez do martírio dos sete irmãos, que, juntamente com a mãe, tinham sido torturados por Antíoco Epifanes. O relato devia ser muito popular, porque a cena em que desafiavam o rei não deixava de ser realmente impressionante. Não podemos dizer nada com segurança, mas a evocação daqueles mártires concretos ressuscitados por Deus permitia-lhes superar mais facilmente o escândalo da cruz: Jesus, assassinado injustamente pela sua fidelidade a Deus, não podia ter sido aniquilado pela morte. Nele se cumpria de maneira suprema o destino dos mártires reivindicado por Deus. Mas esta visão não lhes bastava. A ressurreição daqueles mártires só teria a ver com a ressurreição de cada um deles e não com a dos restantes seres humanos. Ao invés, a ressurreição de Jesus tinha de ser fonte de salvação para toda a humanidade, "primícias" de uma ressurreição universal, inauguração dos últimos tempos. Os discípulos tinham ficado muito "marcados" por Jesus. A crucifixão não tinha conseguido apagar de repente o que tinham vivido junto dele. Em Jesus tinham experimentado Deus a irromper no mundo de uma maneira nova e definitiva. A sua força curadora tinha aniquilado o poder de Satanás, resgatara do mal doentes e possessos e apontava na direção de um mundo novo e de uma vida plena. O acolhimento que fazia aos últimos da sociedade, dizendo-os privilegiados no reino de Deus, despertava a esperança dos pobres num Deus que começava a manifestar a sua força libertadora face a tantas injustiças e a tantos abusos. As suas refeições com os pecadores e indesejados antecipavam o banquete final e a alegria dos últimos tempos. Tinham experimentado em Jesus a irrupção da força e do amor salvador de Deus. Não estariam a saborear já agora, na sua ressurreição, a eclosão libertadora de Deus, que começava a inaugurar o reino definitivo da vida?

(José Antonio Pagola – *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 436-439)

Oração final

Exulte sempre o teu Povo, Senhor,
com toda esta renovação pascal,
alegrando-se por se ver restituído à glória da adoção divina,
e ponha toda a sua felicidade atual e futura
no poder e na força da Ressurreição!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!
Ámen!